Learning by Ear – Aprender de Ouvido

"Afinal os direitos humanos não são para todos?"

9º Episódio: O direito à nacionalidade

Autor: Louis Deubalbet

Editor: Aude Gensbittel

Tradução: Madalena Sampaio

VOZES:

- Intro/Outro (cerca de 30, homem/male): Madalena Sampaio
- Narrador (cerca de 30, mulher/female): Madalena Sampaio

2 Voice-overs:

- Sanou (23, homem/male) (Francês): Guilherme Correia da Silva
- Franklin Alladoum (cerca de 50, homem/male) (Francês): António Rocha

Pronúncia:

Lui Dö-bal-bä

Ssanu

Fra~ - klE~ Aladum

Intro:

Olá! Bem-vindos ao nono episódio da série do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”, intitulada “Afinal os direitos humanos não são para todos?”.

De acordo com o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.” E cada um, sem exceção, pode usar a declaração para ter acesso a todos os direitos e liberdades que proclama. O artigo décimo quinto afirma que todos têm o direito a uma nacionalidade. E que “ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade”. Ter uma nacionalidade não é apenas uma questão de identidade cultural: também significa ter documentos que dizem que uma pessoa pertence a um determinado Estado. Sem eles, a existência diária pode ser difícil e até mesmo impossível. Este episódio leva-nos até ao Chade, onde Louis Debalbet encontrou um emigrante do Níger sem documentos.

Música: “Bwamba”, Baka Beyond, Archivnummer: 4083639000

1. Atmo: Bairro de Kabalaye

(SFX: Kabalaye district)

2. Narrador:

Estamos no bairro de Kabalaye [Kaba-lai], uma das partes mais animadas de N'Djamena, a capital do Chade. Foi aqui que Sanou [Ssanu], um jovem de 23 anos, encontrou refúgio, num pequeno quarto que divide com os seus amigos. Sanou teve de deixar o Níger porque namorava com a filha de um chefe tradicional. Uma história de amor que azedou.

3. O-Ton Sanou:

“Eu namorava com a filha do chefe da aldeia e amava-a. Mas apesar do nosso amor, não éramos livres. O pai dela bateu-me e mandou-me para uma prisão em Niamey. Fiquei lá muito tempo. Trataram-me muito mal lá. Quando fui libertado, fugi. Estava com medo da lei islâmica porque o Islão desaprova a relação que eu tinha.”

4. Narrador:

O jovem fugiu do Níger, sem posses e sem documentos. Depois de uma longa viagem, foi parar à cidade de Bol, que fica no lado chadiano do Lago Chade. Aqui ficou durante quatro meses, mas não encontrou trabalho. Além disso, a região ainda lhe parecia muito perto do Níger e continuava preocupado com a sua segurança.

5. O-Ton Sanou:

“Amigos meus disseram-me para ir para N'Djamena. Disseram que lá podia ganhar algum dinheiro. Mas quando lá cheguei tive de fazer pequenos trabalhos, como trabalhar a terra e tirar pedras e tijolos, porque não tinha documentos.”

6. Narrador:

Sanou não conhecia ninguém na capital. Sem saber como se expressar em qualquer língua local do Chade e sem quaisquer documentos que provassem a sua nacionalidade, o jovem acabou por ficar por sua conta.

7. O-Ton Sanou 3:

“Quando cheguei, dormi no mercado de Dembé. Um dia conheci alguém que me disse que eu podia dormir em sua casa. Éramos seis pessoas num quarto.”

8. Narrador:

Sanou fez amigos muito rapidamente e começou a encontrar o seu caminho na capital do Chade. Mas atormentava-o o facto de não ter quaisquer documentos. Queria regularizar a sua situação. Começou por perguntar o que deveria fazer e depois foi ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Mas nessa altura a agência da ONU estava sobrecarregada com a crise na Líbia e com o número de deslocados. Ele não era uma prioridade. Depois de muitas reuniões que em nada resultaram, Sanou encontrou uma organização não governamental (ONG) local que o ajudou. A ASPD ajuda refugiados e apátridas.

O jovem conseguiu convencer a ONG de que agia de boa fé e o seu caso foi considerado. Agora quer saber como está a correr tudo e se em breve terá documentos.

9. Atmo: Trânsito

(SFX: Traffic)

10. Narrador:

A organização está localizada na área de Chagoua [Schagua], num edifício degradado com três salas. Franklin Alladoum é o diretor. Acolhe Sanou como um velho amigo.

11. Atmo: Receção da ASPD

(SFX: Reception of ASPD)

12. Narrador:

Há muitas pessoas na mesma situação de Sanou que Franklin Alladoum quer ajudar através da sua organização. Na maioria dos casos, afirma, têm de ter muita paciência por causa dos longos e complicados procedimentos.

13. O-Ton Alladoum:

“Geralmente, a primeira coisa a fazer é ir ter com as autoridades de Imigração para regularizar a situação. Eles têm de ter, pelo menos, uma autorização de residência. Mas há muitos problemas, a começar pelo Ministério de Segurança Pública. Não é fácil levar lá alguém que não tem nacionalidade nem documentos e tentar regularizar a sua situação e conseguir-lhe uma autorização de residência.”

14. Narrador:

Como nem sempre tem sucesso junto das autoridades do Chade, agora a organização não governamental recorre sistematicamente a organizações internacionais como o ACNUR ou a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Mas aí também nem tudo é fácil.

15. O-Ton Alladoum 2:

“São muitos os obstáculos só para nos encontrarmos com eles. No caso de Sanou, ele chegou durante a crise na Líbia, quando houve um grande fluxo de deslocados e o ACNUR e a OIM estavam mais ocupados com isso. Por isso, o arquivo dele desapareceu e agora não sabemos o que fazer. Estamos a tentar reconstituir o processo para podermos voltar a falar com essas organizações, mas não é fácil marcar encontro com elas.”

16. Narrador:

A ASPD faz de tudo para apoiar os refugiados que precisam de documentos, mas não tem recursos suficientes para ajudá-los financeiramente. O resultado é que muitos deles são deixados à sua própria sorte, reclama Franklin Alladoum. Mas nem por isso abandonou Sanou:

17. O-Ton Alladoum:

“Por vezes tentamos ajudá-los com os nossos meios pessoais. Levamo-los para casa para comerem connosco, damos-lhes sabão. Se têm pequenos problemas de saúde, tentamos ajudá-los, mas nem sempre é fácil.”

18. Narrador:

A organização também tenta obter apoio de outras estruturas, mas muitas vezes sem quaisquer resultados tangíveis.

19. O-Ton Alladoum 3:

“Recorremos sempre a pessoas que conhecemos. Escrevemos para muitas organizações não governamentais. Às vezes, a Igreja Católica responde. Ajuda-nos de forma esporádica, mas não muito. Por isso, tanto o Sanou como outros arranjam pequenos trabalhos que mal lhes rendem um dólar por dia. Imagine como isto é difícil num país onde o custo de vida é tão alto.”

20. Narrador:

A principal preocupação de Sanou, tal como de outros em situação irregular semelhante, é encontrar algo para comer todos os dias. Pior que isso é que as pessoas sem documentos vivem com o medo constante de serem descobertas e presas. Fala-se muito sobre emigrantes sem documentos na Europa, mas também é uma tendência em África. Alguns Estados recusam-se a dar a nacionalidade a pessoas que nasceram ou que vivem num território por causa da sua etnia, do seu idioma ou da sua religião. Neste caso, fala-se de apátridas. Mas uma pessoa também pode acabar por ir para o estrangeiro sem documentos, depois de fugir à pressa e em segredo de um país por causa da guerra, da fome ou de perseguição política. Sem documentos, uma pessoa não tem acesso ao sistema de saúde, à educação nem ao emprego legal e também é impossível registar um casamento ou um nascimento.

Um cidadão também não é reconhecido como completo porque não pode votar. E também é impossível atravessar livremente fronteiras. Franklin Alladoum novamente:

21. O-Ton Alladoum 4:

“Há muitos outros problemas. Primeiro, para terem direito ao trabalho, precisam de ter documentos. Tem de se saber de onde são e têm de ter uma autorização de residência. Mas não é este o caso deles. Não podem fazer nada no setor formal e até mesmo no setor informal há inspeções. De vez em quando, vamos à polícia tentar buscá-los porque eles são frequentemente presos. Usamos os nossos contactos para tirá-los dessa situação. É extremamente difícil. Eles não podem fazer mesmo nada.”

22. Narrador:

Para muitos, isso significa uma longa espera e um resultado incerto. O mais difícil é não perder a esperança. Sanou não tem alternativa.

23. O-Ton Sanou:

“Se voltar para o Níger, morro. Não posso voltar para lá. Já só tenho a minha mãe lá, mas se puder continuar a fazer pequenos trabalhos aqui vou mandar-lhe dinheiro para ela poder vir viver comigo no Chade.”

24. Narrador:

O caso de Sanou está longe de ser resolvido. Ele não tem a certeza de que as autoridades do Chade lhe vão dar os documentos, mas quer ver os seus direitos respeitados.

25. O-Ton Sanou:

“Vou ficar no Chade e procurar trabalho em vários sítios. Era bom se o ACNUR me ajudasse a obter os meus direitos como refugiado. Tenho saudades do meu país, mas tive de sair de lá para escapar de uma morte certa.”

Música: “Bwamba”, Baka Beyond, Archivnummer: 4083639000

Outro:

E é assim que termina este episódio do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”, da autoria de Louis Debalbet.

Lembrem-se de que podem voltar a ouvir este episódio ou deixar os vossos comentários, visitando a nossa página web em:

www.dw.de/aprenderdeouvido
[w w w ponto d w ponto d e barra aprender de ouvido]

Também podem ouvir os episódios de todas as séries do Learning by Ear - Aprender de Ouvido como podcast em:

www.dw.de/lbepodcast
[w w w ponto d w ponto d e barra l b e podcast]

Gostaram deste programa ou têm sugestões para mais programas do Learning by Ear?

Escrevam-nos um e-mail para:

afriportug@dw.de

Ou enviem uma SMS para o número: 00 49 17 58 19 82 73.

Repetimos: 00 49 17 58 19 82 73.

Também podem mandar uma carta para:

Deutsche Welle – Programa em Português

53110 Bona

Alemanha

Até à próxima!